



A SOCIEDADE ESPECTRAL: Fantasmagorias e imaginação política na sociologia de Avery F. Gordon

DOI: 10.17058/barbaroi.v1i64.16072



Juliano Gadelha

Universidade Federal do Ceará



Resumo

Este artigo especula como lidar com as fantasmagorias da modernidade, a partir das obras sociológicas de Avery F. Gordon sobre os modos de governança, expandindo a compreensão sobre o poder espectral da sociedade em suas dimensões de fetichismo, utopia e mudança/mobilidade em uma aposta na imaginação política. Trata-se de uma aposta para a elaboração de uma sociologia comprometida com as mudanças das suas logísticas de reprodutibilidade das metafísicas e pós-metafísicas, responsáveis diretas pela manutenção do mundo tal como o conhecemos, tomando o caráter imaginativo como uma praxiologia do despertar.

Palavras-Chave: Fantasmagoria. Sociedade. Sociologia. Imaginação. Política.

A sociedade espectral, uma apresentação sociológica

Os fantasmas odeiam coisas novas precisamente porque uma vez que as condições que os chamam e os mantêm vivos foram removidas, sua razão de ser e seu poder de assombrar são severamente restringidos. (GORDON, 2008, p. XIX, tradução própria).

Neste artigo, objetivamos apresentar e interpretar o que denominamos de “a sociedade espectral” a partir da sociologia imaginativa de Avery F. Gordon (2008; 2018)

e seus trabalhos com arquivos fantasmáticos. A estranheza dessa operação de introduzir uma proposta e justificá-la a partir de espectros talvez não soe tão estranha se lembrarmos das seminais aulas de Jacques Derrida lecionadas nos Estados Unidos e que se tornaram o enigmático livro *Espectros de Marx*. No caso aqui, temos um objetivo mais sociológico do que propriamente filosófico, uma vez que Avery F. Gordon é uma socióloga norte-americana e o que se tenciona com ela é uma teoria que vai além das questões postas pela filosofia. As suas obras mais famosas ainda que não traduzidas para língua portuguesa são *Ghostly Matters: Haunting and the sociological imagination* e *Hawthorn Archive: Letters from the Utopian Margins*. Elas têm permitido não somente o entendimento de que a assombração age na forma de linguagem e de modalidade experiencial e social, à semelhança da teoria do fetichismo da mercadoria de Marx (1996) anunciava, como também de que a noção de fantasmagoria de Benjamin (2006; 1993) expandiria ao perceber a agência do fantasmagórico em camadas mais profundas da vida coletiva. Gordon (2008; 2018) recua ainda mais profundamente na perspectiva de Benjamin (2006; 1993), uma vez que a autora busca uma compreensão do encontro de forças que organizam, significam e também desmantelam mundos, sem obedecerem a alguma ordem linear de tempo e espaço, indicando que a assombração é uma maneira por meio da qual os sistemas abusivos de poder tornam-se conhecidos e seus impactos sentidos na vida cotidiana. É, assim, que fantasmas não se permitem fechar pelas ontoepistemologias que estariam presas ao que, posteriormente, Ferreira da Silva (2019) denominou de separabilidade e determinabilidade:

[...] dois elementos entrelaçados do programa kantiano continuam a influenciar projetos epistemológicos e éticos contemporâneos: (a) separabilidade, isto é, a ideia de que tudo o que pode ser conhecido sobre as coisas do mundo deve ser compreendido pelas formas (espaço e tempo) da intuição e as categorias do Entendimento (quantidade, qualidade, relação, modalidade) –, todas as demais categorias a respeito das coisas do mundo permanecem inacessíveis e, portanto, irrelevantes para o conhecimento; e, conseqüentemente, (b) determinabilidade, a ideia de que o conhecimento resulta da capacidade do Entendimento de produzir conceitos formais que podem ser usados para determinar (isto é, decidir) a verdadeira natureza das impressões sensíveis reunidas pelas formas da intuição. (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 39).

A sociologia de Gordon (2008; 2018) desinveste o fantasmagórico do tempo e do espaço como princípios formais para a apreensão do mundo e a sua formulação em categorias de entendimento que reencenam a sequencialidade dos modos de pensar. Ainda que por meio de fraturas e dissoluções como costumam ser as ações rarefeitas apontadas pelo pós-modernismo – Stuart Hall (2004) e David Harvey (2006), por exemplo –, o movimento espectral de uma sociedade não se resume aos fenômenos estudados, uma vez

que o espectro denota o movimento oscilante dos fenômenos e se manifesta como agência do próprio pensamento. Aí o fantasmático deixa de ser apenas o “objeto” e passa a ser o modo como formulamos os conceitos, como buscamos intuir, apreender e conhecer as coisas do mundo. Assim, a autora nos leva a expandir as tradições do pensamento sociológico sem tomar a “expansão” pelo princípio da sequencialidade.

No plano mais direto dos fenômenos, a autora nos fala que assombrar não é o mesmo que ser uma gente explorada, traumatizada ou oprimida, embora geralmente envolva essas experiências ou seja uma coisa produzida por elas. O distintivo sobre assombrar é que seu estado de animação move uma violência social reprimida ou não resolvida que se sabe, às vezes muito diretamente, às vezes mais obliquamente. Essa sociologia usa o termo "assombrar" para descrever aquelas singulares e ainda repetitivas instâncias quando a casa se torna desconhecida, quando os rolamentos da existência no mundo perdem a direção, quando os feitos de excesso ganham vida retornando suas forças a todo momento (como as heranças da escravização moderna no futuro das sociedades americanas), quando o que tem estado em seu campo cego aparece. Nas palavras da autora: “Mostrar o que há no campo cego, trazê-lo à vida em seus próprios termos (e não apenas à luz) é talvez a radicalização das iluminações com as quais estive mais comprometida.” (GORDON, 2011 p. 03, tradução própria). É esse pensamento do campo cego que se torna *over* na realidade social, quando não nos apercebíamos dele ou simplesmente não queríamos nos aperceber. Isso nos permite entender o que emerge como a visibilidade do desaparecimento e que diz quando uma fuga – aquilo cuja agência não se mapeia pelos programas dos poderes supremacistas – se torna sentida e ativa na sociedade.

A obra da autora é considerada instauradora de uma nova modalidade de sociologia, a chamada sociologia imaginativa, que tem por caminhos particulares questões de violência e trauma, tais como as do racismo moderno, dos seus efeitos no aprisionamento carcerário nos Estados Unidos e as maneiras por meio das quais essas questões são tornadas vistas, negadas (no sentido além do psicanalítico) ou, simplesmente, fantasmáticas. No entanto, o que nos interessa aqui é o caráter espectral da sociedade e como ele diz da fuga e da recusa de coletivos (mais que) humanos que, por sua vez, desviam suas respectivas ações de serem apreensíveis tanto pelas teorias psicanalíticas do social como pelas de triunfo emancipatório e de resistência das teorias políticas, presas aos modos de imaginar sitiados pelos espectros da modernidade. Esse interesse nos permite interpelar a obra de Gordon (2008; 2018) para uma possível

expansão do seu campo de visão, de maneira a abrir possíveis para compreensões sociológicas comprometidas com o estudo sobre o poder dos espectros e sobre a capacidade política da imaginação para uma teoria social da mudança. Antes de apresentarmos melhor isso, vejamos como a autora define poder:

O poder pode ser invisível, pode ser fantástico, pode ser monótono e rotineiro. Pode ser óbvio, pode chegar até você pelo bastão da polícia, pode falar a linguagem dos seus pensamentos e desejos. Pode sentir-se como um controle remoto, pode entusiasmar como a libertação, pode viajar através do tempo e pode afogar-te no presente. É denso e superficial, pode causar lesões corporais, e pode ferir-te sem parecer que alguma vez te toque. É sistemático e é particularista e, muitas vezes, é ambos ao mesmo tempo. Provoca sonhos para viver e sonhos para morrer. Podemos e devemos chamá-lo por nomes reconhecíveis, mas também precisamos lembrar que o poder chega em formas que podem variar desde a supremacia branca flagrante e o terror do estado até "móveis sem memória". (GORDON, 2008, p. 03, tradução própria)

A dimensão do poder como agência mais que humana, despregada de reificar-se nas relações interpessoais diretas e indiretas nos interessa para entendermos a persistência do assombro que cada agente modula e cuja *fugitividade* (MOTEN & HARNEY, 2013) informa acerca das estratégias de viver socialmente sem sermos consumidos e consumidas pelas estruturas de dominação em seus efeitos de adoecimento e morte, ainda que, com o poder, nossas vidas estejam inseparavelmente enredadas. Esse é o ponto em que atravessamos a sociologia de Gordon (2008; 2018) rumo a outro lugar de conhecimento e ação, reconhecendo como ela nos permite especular modos de burlar certos fantasmas. A partir dela, portanto, podemos pensar a sociedade não como um jogo estruturado de poder, cujas economias materialistas e simbólicas mediam indivíduo e sociedade, sem abolir as regras das estruturas de dominação que se reinventam com as máscaras do novo – o que difere a sua sociologia imaginativa de uma sociologia prática tal como a de Bourdieu (1996; 1992). Com a sociologia de Gordon (2008; 2018), também somos levados e levadas a expandir a visão de redes que juntam e separam seres vistos em coletivos por simetrias e assimetrias de natureza e cultura como aponta Latour (2004; 1994), ajudando a desmanchar a base racionalista que permite tanto a separação como a junção de agentes e/ou redes sem promover de fato a mudança e em caminhos que não creditam fé nas agências que só enxergam o pós-humano via antigos humanismos. Menos ainda: perdemos energia pelos caminhos românticos de alguma sociologia que se derrama entre o poder, a cultura, a economia e a vida cotidiana sem tirar os modos de fazer sociologia dos campos rarefeitos da intimidade, como já anunciaram Giddens (1993; 1991), Bauman (2010; 2001; 1999) e Sennett (2009; 1999, 1988). Toda a intimidade e fluidez que se invoca pela sociologia imaginativa de Gordon (2008; 2018) vem como uma

conversa profunda com os nossos fantasmas; e estes não são os sujeitos mortos, mas os espectros de toda sociedade, que dizem sobretudo de questões estruturais que não se resumem às críticas do capital.

A assombração sempre registra o dano infligido ou a perda sofrida por uma violência social feita no passado ou sendo feita no presente e, por isso, ela se torna ainda mais assustadora (GORDON, 2008; 2018). Nessa visão, o assombramento, ao contrário do trauma por contraste, é distintivo para produzir algo a ser feito. Deslocamos, assim, a ideia de paralisação traumática ou pós-traumática, bem como a redução do trauma ao domínio de tumultos e problemas não gerativos de nada que não sejam os horrores da violência sofrida para que esse deslocamento alcance um campo de contingência com o assombro, no momento mesmo de uma longa duração, quando as coisas não estão em seus locais designados, quando as rachaduras e o aparelhamento estão expostos, quando os agentes que são invisíveis aparecem sem deixar qualquer sinal, quando os sentimentos perturbados não vão embora, quando viver facilmente um dia e depois o próximo se torna impossível, quando o presente perfeitamente tornando-se o futuro fica totalmente bloqueado... E, assim, a autora vai moldando sua imaginação sobre a sociedade e nos diz que o assombramento refere-se a este estado sócio-político-psicológico que encontra algo mais ou diferente de antes, em um encontro que instaura um quadro complexo que solicita um algo novo a ser feito. Trata-se de uma espécie de dispositivo fantasmático que não vem dos efeitos discursivos do poder, mas de uma ordem que embaralha as leis do enunciado, ainda que *as palavras e coisas* (FOUCAULT, 2007) estejam rolando em outras ordens. O assombramento acaba por exigir a mudança radical. Ele informa um mundo que foge por dentro, acima, abaixo e por todos os lados de outro mundo exigindo que este último se modifique, seja por ser o responsável pelo desaparecimento de outro mundo que agora retorna como fantasma, seja porque este mundo sofre com seus traumas e precisa curar-se o mais rápido possível.

A visibilidade do desaparecimento que o espectro retorna indica as políticas de matar e deixar morrer – chamadas de *necropolítica* por Mbembe (2018; 2017) – de algum mundo que (in)tenciona que outros desapareçam. No entanto, há algo que vibra em energias além do campo necropolítico. Ocorre também que as próprias rotas de fuga em suas respectivas estratégias indicam quem e/ou que é perseguido e consegue manter a vida em suas capacidades de despertar o desejo de mudança. O sentimento de escape retorna a quem persegue e passa a assombrar, mesmo quando se tem alguma consciência de que algo foi exterminado, sendo que algo não foi completamente exterminado.

Rotas para uma nova imaginação política

Mais do que apresentar o pensamento social da autora, este artigo diz das possibilidades de como podemos montar uma nova imaginação política que seja capaz de lidar com antigos fantasmas que colapsam as mudanças estruturais emancipatórias da sociedade. Atentemos ao fato de que a ênfase no algo a ser feito corresponde a uma maneira de nos concentrar em requisitos da sociedade ou em dimensões do movimento e das mudanças individual, social e/ou política sob a ligadura das instâncias macro e micropolítica das existências. Isso gera, segundo Gordon (2008; 2018), uma série de exigências para que a prática seja possível. Em suas palavras:

E uma dessas exigências era que o fantasma fosse tratado respeitosamente (seus desejos abordados) e não fosse fantasmado ou abandonado ou desaparecido novamente no ato de lidar com a assombração, mesmo que o fantasma não pudesse ser autorizado a assumir tudo, uma exigência complicada que é especialmente pertinente com os vivos que assombram como se estivessem mortos. Repetindo, para mim assombrar não é sobre invisibilidade ou incognoscibilidade *per se*, ela nos remete ao que está vivendo e respirando no lugar escondido da vista: pessoas, lugares, histórias, conhecimentos, memórias, modos de vida, idéias. (GORDON, 2011, p. 03, tradução própria).

O que Gordon (2011) parece nos dizer é que no intento de mergulhar no que não se vê para tornar vistas as formas de algumas forças-mundo que nos assustam, forças que muitas vezes foram forjadas com este mesmo mundo que agora elas tomam de assalto, estamos sempre lidando diretamente com outra camada em que as visões de que dispomos não dão conta de ver. Estamos em um corte com o olho do mundo tal como o conhecemos, extremamente marcado pelas políticas de zoneamento. É nessa perspectiva que a autora apresenta que uma sociedade assombrada está cheia de fantasmas, e o fantasma sempre carrega a mensagem de que é, a princípio, totalmente enganoso o fosso entre o pessoal e o social, o público e o privado, o objetivo e o subjetivo.

Distante de operar um conhecimento que se pensa separado de seu objeto, propomos que a imaginação sociológica seja posta como um *nó* de força e significado. Em cada nó, há sempre poder, resistência e fuga. O próprio conhecimento sociológico costuma subjugar outros conhecimentos, tornando-os objetos ou o que Gordon (2008; 2018), a partir da teoria foucaultiana, identifica como “conhecimentos subjugados”. No entanto, a autora entende que esses conhecimentos não podem ser colocados em mera oposição ao hegemônico, mas sim como aquilo que o atravessa e também é atravessado por ele e que promove um assombro dentro das próprias epistemes supremacistas e suas

violências – o que revela o desejo spivakiano de que seria necessário entender até onde o chamado “conhecimento subjugado” serviria como deslocamento das narrativas que constroem o Outro do Ocidenteⁱ.

Gordon (2008; 2018), por sua vez, navega pelo caráter fantasmático do Outro dos estudos sociológicos, daquelas vidas subjugadas que voltam e assombram a disciplina informando como essas gentes estão sendo objetificadas e, ao mesmo tempo, como elas são capazes de moldar essa objetificação. Isso é possível, porque agora, como fantasmas, essas vidas subjugadas não dizem mais somente de uma margem em uma violência epistêmica, mas sim de um conhecimento espectral que passa a instaurar o terror, a sabotar as maneiras sociológicas de imaginar mundos marginalizadosⁱⁱ.

Face ao exposto, especulamos quatro rotas específicas com a sociologia imaginativa para futuros estudos. A primeira corresponde a entender como os estudos de Gordon (2008; 2018) permitem que encaremos as maneiras por meio das quais os fantasmas assombram as linhas cruzadas entre o poder abusivo e a chamadas esferas de resistência, produzindo epistemologias similarmente emaranhadas que respondem e dinamicamente criam maneiras outras de viver em sociedade, mas que também estão assombradas por aquelas vidas tornadas o Outro.

A segunda rota acompanha a primeira e consiste em saber nos movimentarmos entre a captura e a fuga de criar a mudança como ofício político da sociologia em sua chance de se fazer uma sociologia não subjugável às hierarquias perversas, ao ver que a assombração pode tornar-se um meio pelo qual se estaria com o “conhecimento desqualificado, marginalizado, fugitivo de baixo e de fora das instituições de produção de conhecimento oficial” (GORDON, 2008, p. XVII, tradução própria), identificando as efetividades do poder de formas privilegiadas de conhecimento. Se a intenção de fazer esses dois caminhos se torna o sentido de um novo empreendimento sociológico, por mais presente que seja a fantasmagoria, ela não pode ser retida, aliás não é ela o que se pode mapear. É da afetabilidade que ela instaura que o pesquisador ou a pesquisadora pode tomar outro movimento, o de compor um conhecimento com a denúncia que a mensagem fantasmática deixou.

Os fantasmas sempre escapam, eles não respeitam tempo nem espaço. Eis que esse caráter fugidio do fantasma nos desperta a terceira rota que é apresentar como a sociologia imaginativa de Gordon (2008; 2018) está preocupada em lidar com o que aparentemente não se vê, mas possui agência na vida social e psíquica e que exige mudança para que certas existências possam ter futuros de vida e não de morte, o que traz a hipótese de que

a experiência traumática de um campo do qual se pode forjar uma política da vida, de todas as vidas envolvidas com o trauma em questão. Isso nada tem a ver em informar que precisamos passar por experiências de violência para que fabriquemos a mudança de nossas sociedades, mas sim informar que as sociedades têm arquivos constantes de violência contra determinados grupos e que tais arquivos ganham dimensões fantasmagóricas.

A quarta rota específica das inúmeras possíveis diz de como diagnosticar as causas e os efeitos dos nossos fantasmas com os quais a sociologia, por via dos assombramentos, exige que lidemos, respeitando a força de realidade desses fantasmas na constituição de nossos futuros emaranhados. É apenas compondo a capacidade de ver as causas e os efeitos fantasmagóricos de uma sociedade que esta conseguirá lidar mais prodigiosamente com a violência do mundo. Em suma, as quatro rotas aqui especuladas, no mínimo, informam que os nossos arquivos de violência nunca estão totalmente mortos e sempre voltam para nos assombrar.

Os arquivos fugidios

Os arquivos estudados por Gordon (2008; 2018) foram construídos a partir de fotografias em que as pessoas a terem suas vidas abordadas não estão lá, da mobília de imóveis, de parques abandonados, de cartas, de histórias de gentes desaparecidas, do sistema carcerário, da literatura, dos estudos sobre os sonhos, de eventos planejados que não aconteceram etc. Em todos esses arquivos, o fantasma surge, carregando os sinais e presságios de uma repressão do passado ou, simplesmente, o presente que não está mais funcionando. O fantasma exige a atenção do mundo. A temporalidade fantasmática dá a sensação que o presente oscila. O campo sensorio fantasmático diz: algo vai acontecer. Obviamente que o que irá acontecer não é dado com antecedência, estando longe de ser claro, mas algo deve ser efetivado além da efetividade do fantasma. Nesse sentido, duas medidas contrárias podem ser tomadas: 1) o enfrentamento de anulação (impossível) para com o fantasmagórico sem tentar entender a sua dimensão de realidade para a cura – lembremos da lição psicanalítica de que nenhuma negação desfaz o fantasmagórico; 2) o processo político de cura do mundo por via de alguma verdadeira mudança social. Então a emergência crítica em relação aos fantasmas, ao não operarem uma mera negação psicanalítica, é o momento verdadeiramente analítico-crítico em relação ao mundo. Isso quer dizer que, quando a repressão não está mais funcionando, os problemas que resultam

disso criam condições que exigem uma nova narrativa da vida que, para alcançar ou ao menos trilhar o caminho de cura, deve olhar diretamente as causas e os efeitos da violência informada pelos assombros.

A cosmovisão de um fantasma sempre diz de algum corte que desencadeou alguma repetição dos processos de materialização da vida, de maneira que esses processos já não conseguem operar novos cortes que renovem as materializações da vida. Isso também nos serve para percebemos como interromper a continuidade e a sequencialidade do assombro. Caso contrário, a quebra negativa continua se reproduzindo e o que não a corta reproduz o próprio corte das coisas. Essa sensação específica de quebra se torna, desde sempre ou desde tudo. O que torna imperativo a efetivação de novos cortes para cessar a força negativa constantemente repetida e atualizada. No final das contas, trata-se de olharmos diretamente pelas rachaduras do mundo e, com elas, descobrir que, se a vida é cindida, ela também é aberta ao novo e ao múltiplo.

O corte como causa e efeito pode estar sempre retornando e fazendo a matéria não poder ser mais compreendida por meio do tempo e do espaço de uma única agência. Aliás, como nos permite entender a pós-metafísica de Barad (2017), a noção *insider* de agência é totalmente refeita pelas fantasmagorias. Não é à toa que Gordon (2008; 2018) afirma que a matéria sempre se mostra fantasmática, mais que social. Então mais do que perguntar o que está acontecendo, como isso aconteceu e o que isso significa, quando a vida deixa de operar sua resistência à violência da Normaⁱⁱⁱ ou quando as antigas operações desta violência fracassam e passam a buscar novos conteúdos de extermínio, o problema que resulta das falhas de efetividade normativa bem como as falhas de insurgência criam condições que convidam à ação transformativa não refém das “utopias” ainda presas a este mundo. Digamos não refém, porque o ato de fazer ou de como ajudar a sair de uma falha sem reprogramar a Norma em mais uma nova efetividade de violência consiste na fabricação do futuro ali, onde o presente oscila e exige algo a ser feito, ali onde a máquina sonhadora não projeta o futuro em algum adiante da ação, com vistas a alcançá-lo por meio de velhas sequências da história:

Os utópicos praticam uma política de vida cotidiana, colocando um prêmio sobre como inventar e descrever arranjos sociais destinados a criar um ambiente em quais capacidades latentes para a felicidade individual podem ser preenchidas. Talvez a característica mais característica do pensamento e da prática utópica, e a razão pela qual é frequentemente descartada ou banalizada, é sua ênfase em nossa capacidade imaginativa de conceber e a capacidade prática para construir um outro mundo melhor nos espaços do antigo. (GORDON, 2018, p. 25, tradução própria).

Embora o que deva ser feito jamais esteja dado, ele também não cabe a uma tarefa exclusivamente individual, pois o que você tem que tentar fazer por si mesmo ou si mesma, embora possa ser compartilhado, jamais pode ser imposto ou mesmo dado como transferindo a responsabilidade do mundo a você como sendo a responsabilidade de uma única vida, a sua vida. O futuro daquelas gentes destinadas a não terem futuro torna-se possível pela potência de um susto, um assombro no mundo, mas esse despertar para a mudança corresponde apenas a uma dentre tantas sacudidas pela qual esta pessoa açoitada pelo mundo pode encontrar a sua rota de fuga, à qual sempre diz de um processo implicado e complexo. O fantasmático é inseparável do mundo das gentes vivas e a ele retorna, exigindo mudanças das muitas linhas envolvidas.

Necessitamos entender que o fantasmagórico necessariamente não consiste em um mal sem possibilidade de reparação e redirecionamento. Entendam: a visão do fantasma como o mal obliquando de onde ele realmente foi forjado é mais uma das heranças das visões normativas que tem por cura metas de fazer um mundo continuar a ser o Mundo do Mesmo, colocando a existência do trauma e de outros sofrimentos no campo do atomismo subjetivo que centraliza a violência do mundo sob os ombros de determinadas gentes. Essas gentes, por sua vez, passam a acreditar que os problemas de suas respectivas dores devem a elas mesmas e não ao mundo no qual elas habitam e dele são constituintes.

A conversa com nossos fantasmas

A conversa com nossos fantasmas nos permite imaginar e efetivar novas maneiras de justiça social. A escrita por vezes enigmática de Gordon (2008; 2018) nos informa de um improviso radical no modo de pesquisa da sociedade, em especial porque as narrativas com os fantasmas são da ordem do inaudível aos ouvidos do mundo tal como o conhecemos. Trata-se de saber que nós e nossas sociedades somos mais que humanas, mais do que elementos supostamente apreensíveis a categorias de tempo, espaço e, sobretudo, poder. A imaginação seria a capacidade que a nós está disponível para percebemos e mudarmos o fato de que as relações de poder que caracterizam qualquer sociedade nunca são tão claras como os nomes que lhes damos implicam. Assim, abstrações sobre racismo, colonialidade e capitalismo, que são constitutivos dos modos de governança de praticamente todas as formações sociais, podem nomear formas de poder, mas não transmitem completamente o conjunto de relações sociais que criam desigualdades, códigos interpretativos situados, tipos particulares de sujeitos e as

dimensões de contingência de nossas relações naquilo que existe e possui agência enquanto rastro, ausência e inexistência visível. Não se trata de trabalhar com aquilo que podemos apreender como simbólico ou subjetivo, mas sim com aquilo mesmo que escapa do campo das economias simbólicas e dos terrenos gelatinosos da subjetividade, porque não forma um arquivo das convencionalidades das ciências sociais, não tem nem ganha forma alguma, embora possua agências poderosas em nossas vidas.

A proposta sociológica com Gordon (2008; 2018) é entender o que permite que essas fantasmagorias existam, indo além de detectar e entender seus efeitos, redirecionando a sociologia das causas históricas como motor explicativo e das determinabilidades econômicas como estruturais da vida e dos regimes políticos como organizadores do social. É preciso nos conectarmos à mensagem do que torna isso possível de ser captado, o que destoa de partir da coisa em sua matéria formal para então entendê-la. A coisa e a sua formalidade só informam o seu poder de ser novamente objetivada, por mais subjetivo que seja o esforço de quem se lança nessa atividade. Voltarmos-nos às dimensões de densidade e complexidade com que o mundo nos afeta e que ainda não estão em formas historicamente disponíveis a nós é como poderemos alcançar mais profundamente os sentidos das coisas que agem na vida em sociedade, o que as move e as atualiza ou modifica. A sociologia, tal como a conhecemos, precisa de outras ferramentas possíveis para entender.

Reimaginando a modernidade

A modernidade surge em Gordon (2008; 2018) não como um espaço-tempo, mas como uma matéria fantasmática que atravessa os espaços-tempos, tal como os abstraímos. Então como mapear as forças que essa fantasmagoria carrega via uma série infinita de espectros ou fantasmas que, por sua vez, se atualizam no presente e predizem o futuro ou sabotam nossas imagens do futuro e refazem as imagens do passado? A própria modernidade como fantasmagoria impossibilita as maneiras formais de aprendê-la, pois tais maneiras estão presas aos princípios ontoepistêmicos constituintes do pensamento moderno – a determinabilidade e a separabilidade – e que são eles próprios princípios temporais e espaciais. Se Ferreira da Silva (2019) compreendeu e nos advertiu que estes princípios se revelam ficções de poder do conhecimento que alicerçam outras infundáveis ficções de poder das sociedades, tais como a colonialidade e o racismo, Gordon (2008; 2018) nos permite recuar ainda mais na composição material do moderno e a perceber

que, se os elementos dessa composição vagueiam entre dimensões, isso diz também de como toda a composição está fugindo dos modelos que ela mesma instaurou via os três elementos (separabilidade, determinabilidade e sequencialidade) responsáveis pelos nossos modos de reflexividade, objetividade e formalidade que herdamos e reinventamos a partir da herança do Ocidente Branco Europeu.

Para Gordon (2008;2018), não adianta mudarmos nossas nomenclaturas sobre o tempo e o espaço (moderno e pós-moderno, modernidade e modernidade-tardia, moderno e antimoderno ou não moderno e assim por diante), tampouco negá-los se os princípios são os mesmos seja em uma teoria de negação da modernidade ou da sua (nova) afirmação. Isso obviamente não significa ausência pelas preocupações macroestruturais. Segundo Radway (2008), os trabalhos de Gordon (2008) buscam a natureza da conexão entre um capitalismo totalmente racializado, que depende dos processos de abstração do mercado, e aquelas noções platitudinais, mas profundamente sentidas, sobre liberdade, propriedade e individualidade que fundamentam as culturas Norte e Sul não socialistas em uma profunda fé no privado. Radway (2008) entende que Gordon (2008) traça o intrincado processo pelo qual os poderes redutores e universalizantes do mercado são vividos no nível do conceitual e do intelectual e como a divisão resultante entre o geral e o particular, entre o social e o individual limita nossa capacidade de reconhecer e corrigir os custos (mais que) humanos profundos de um sistema que é totalmente dependente da repressão de um conhecimento da injustiça social.

Se seguirmos a crítica de Radway (2008) de uma meditação teórica sobre como o "saber" é disciplinado nos "tempos do agora" (para acionar uma expressão benjaminiana) com uma investigação profundamente afetada sobre o caráter de um sistema econômico e político que depende essencialmente de práticas de desaparecimento e escravidão social, podemos dizer que Gordon (2008; 2018) é inter-trans-disciplinar no sentido mais fino e rigoroso, pois ela não se limita a perseguir os objetos tradicionais de uma disciplina simplesmente usando alguma das linguagens e práticas de outra. Radway (2008) encara que, em vez disso, Gordon (2008) procura um novo objeto, esforçando-se eticamente em prol de vidas silenciadas para conhecer as coisas de maneiras totalmente novas. Assim:

O que a impulsiona neste caso é a sensação dolorosa de que a sociologia, tal como a conhecemos (e as várias outras ciências humanas), não pode contar a verdadeira história das perdas ocasionadas pela escravatura e pelo racismo, que têm permitido o capitalismo. Ela não pode precisamente porque a sua própria definição dos primórdios sociais nos "vê" e assim descreve a realidade de certas coisas óbvias, cegando-nos assim para as formas em que essas coisas são expressamente produzidas e fundamentalmente possibilitadas por uma história de perda e repressão. A sociologia não atende, portanto, bem aos traços

vivos, às memórias dos perdidos e dos desaparecidos. E essas memórias, argumenta Gordon com eloquência, devem ser honradas porque fornecem um tipo diferente de conhecimento, um conhecimento das "coisas por trás das coisas", das condições sociais e dos seus efeitos que precisam ser mudados. (RADWAY, 2008, p. IX, tradução própria).

Ocorre que ser assombrado ou assombrada consiste em estar ligado ou ligada a efeitos sociais e históricos, de maneira que essa proposta sociológica de Gordon (2008; 2018) nos possibilita entender que o fantasma não é simplesmente uma pessoa morta ou desaparecida, mas uma força que habita tanto as nossas distinções de dentro e fora como as de nós e Outro. O fantasma compõe uma figura mais que social, que quebra as divisões entre o ontológico e o epistêmico, porque o ser e o conhecer vêm indistintos como força. Investigar o mundo só se torna possível aderindo àquele denso local onde a história e a subjetividade fazem e refazem a vida social. Então o método aqui precisa ser uma prática de estar em sintonia com os ecos e murmúrios daquilo que foi perdido, mas que, como lembra Radway (2008), ainda está presente entre nós sob a forma de intimações, pistas, sugestões e rastros. Esses ecos e murmúrios constituem o que Gordon (2008; 2018) denomina de "assuntos fantasmagóricos" e são eles não o objeto da sociologia, e, sim, os mensageiros que sugerem identificarmos e compreendermos o que nos assombra. Nas palavras de Radway:

Os analistas sociais não podem se dar ao luxo de confiar complacentemente em uma propensão para descrever e categorizar o passado; embutidos no presente aterrador que nos cerca, devemos procurar revivificar nossa capacidade coletiva de imaginar um futuro radicalmente diferente daquele ideologicamente já traçado pelo capitalismo militarizado e patriarcal que prosperou até agora na prática do apagamento social. (RADWAY, 2008, p. XIII, tradução própria).

O problema epistêmico da sociologia convencional é que ela não tem um modo de conhecer esse assombro e parece quase apelativo recorrer a outros saberes que lidam com o fantasmagórico, tais como os da psicologia psicanalítica. As corriqueiras metodologias das narrativas e seus encontros e desencontros com as psicologias não entendem a oscilação espectral das sociedades, porque a mensagem do fantasma nunca é uma narrativa convencional nem um efeito traumático automatizado, embora ela traga, desperte e produza cadeias de sentidos e significações relacionados a traumas. Ela não pertence aos locais de fala, mas àquilo que Derrida (1994, p. 93) denominou de "lugar da espectralidade", uma vez que o fantasma não é um sujeito em si nem um coletivo de sujeitos. O plano sensório no dispositivo fantasmático antecede e ultrapassa a percepção do sujeito senciente seja como pesquisado ou pesquisador ou mesmo uma figura híbrida

desses dois últimos. A vidência do arquivo vem quando o sujeito se torna capaz de expandir suas emoções, sensações e percepções além do plano que o constrói como este sujeito sensível e cognoscível, ainda apenas percebido pelos efeitos da cultura e da linguagem ou do discurso, ou seja, como o sujeito preso ao plano dos diagramas de força do mundo tal como o conhecemos.

A mensagem do fantasma consiste em uma rota de acesso ao que não pode ser mapeado pelos modos de imaginar deste mundo. Daí a imaginação ser o solo que Gordon (2008; 2018) diz ser preciso refazer sob outras bases para que sejamos capazes de formular outros modos de conhecer. Nessa sociologia, o imaginativo traça uma *fugitividade*. O que essa rota de fuga permite acessar é o infinito – a complexidade de forças em constante recriação de mundos – de alguma finitude – a materialidade com que certa coisa se apresenta no agora. O arquivo não existe pronto, é fabricado no movimento de ir e voltar, aparecer e desaparecer, estar e não estar, materializar-se e desmaterializar-se para materializar *outramente*. Se o arquivo anuncia o porvir, ele também o precede e informa sobre o passado. As rotas desse tipo de arquivo não podem ser instanciadas por nenhuma demarcação ontológica ou identitária, embora ela informe das ontologias e identidades envolvidas, tais como preto, branco, indígena, cisgeneridade, transgeneridade, juventude, infância etc.

A operação com os dispositivos fantasmáticos e seus espectros parece nos permitir acessar a agência daquilo que escapa dos modelos cognitivos do mundo tal como o conhecemos. No entanto, para montar e desmontar dispositivos de saber-poder em toda e qualquer sociologia, precisamos entender a teoria e o pensamento sociológico em sua tradição, suas expansões e mesmo assombrações nos modos de fazer sociologia contemporâneos. Propor isso com o trabalho de Gordon (2008; 2018) consiste, primeira e irrefutavelmente, em se colocar em uma posição de sociologia do conhecimento, da imaginação sociológica e de toda poética de como imaginar o futuro para a sociedade. Não é à toa que utopia e futuro são conceitos reinventados pela autora quando ela especula o mundo e com o mundo. Ainda que não seja uma autora popular no Brasil, em razão principal de sua não tradução à nossa língua até o momento da escrita deste artigo, as dimensões de sua obra podem propiciar que revejamos as questões brasileiras assombradas, os clássicos da sociologia e seus fantasmas, que entendamos as mensagens dos espectros no agora que a sociologia ainda não toma poder de vidência ou simplesmente mandá-los embora – tudo isso vem como potência da imaginação política

de Gordon (2008; 2018) para o tão plural, mas extremamente reconhecível, ofício da sociologia.

Especular com a obra de Gordon (2008; 2018) pode nos permitir entender melhor como a subjetividade vem sendo tratada não como simples capacidade humana, um modo de ser e estar do sujeito no mundo tal como o conhecemos. Por mais que toda subjetividade sempre e inevitavelmente esteja assombrada pelos espectros do social (ditaduras, revoltas, colapsos financeiros, repressões, desaparecimentos, ausências e perdas oriundas das condições da modernidade), o assombrar é "um processo que liga uma instituição e um indivíduo, uma estrutura social e um sujeito, uma história e uma biografia" (GORDON, 2008, p. 19, tradução própria). Desse modo, não são os efeitos do processo em nós, mas sim a mediação que traçamos com eles que formam a nossa subjetividade. Para além dessa mediação, ficam os espectros que ela envolveu. Aqui, a mediação desvincula de ser apenas uma maneira de como o mundo age em nós e nós exteriorizamos essa experimentação. Estamos aquém e além dos conceitos estruturais e pós-estruturais sobre a subjetividade. Aqui, a subjetividade é mais poderosa, uma vez que ela informa o poder sensível e perceptivo que media a cultura com a natureza com a sociedade com as forças cósmicas com as ancestralidades, espiritualidades... A subjetividade se mostra como a própria capacidade de mediar mundos, de atravessá-los. E por essa abertura, podemos nos lançar à nossa potência mais radical, ao imaginativo, ao poder de reinventar e até abandonar as coisas rumo a novos mundos.

Atravessar sem medo: a força da mudança

Este mundo se encontra cheio de fantasmas que informam sobre exploração, espoliação e violência de todos os tipos, então o que este texto traz da sociologia imaginativa e de seus arquivos é uma teoria da mudança, uma teoria prática, que busca mudar as coisas para que os assombros negativos cessem de nos adoecer e matar. Gordon (2008, p. 18, tradução própria) se interroga: "Como podemos contar com o que a história moderna tornou fantasmagórica?". Então somos levados e levadas a imaginar a fenda espaço-temporal como modulação fantasmagórica, de maneira que a matéria fantasmagórica corresponda a nada menos que as das materialidades da distopia do mundo. Também somos levados e levadas para fora das cápsulas das limitações que buscam fechar as coisas em contextos culturais. De volta a Derrida (2001), o filósofo nos adverte que todo contexto é sempre aberto e não deve ser tomado como campo que define

de uma vez por todas as coisas. A coexistência com o espectral vem sempre inapreensível pelas poéticas do compartilhamento em solos previsíveis. Estar em comum com um fantasma vem sempre como oscilação entre mundos, em que o firmamento constituiu uma posição do e no agora que logo nos desprendem das amarras da localidade e da temporalidade.

A história do presente exige uma compreensão por encruzilhadas de tempos-espacos ou, dito de outra maneira, um emaranhado de mundos em que o experiencial daqueles assuntos que assombram nossas casas, nossas sociedades, nossos corpos e nossos *eus* devem ser lidos em seus sinais fantasmagóricos. Os assuntos fantasmagóricos agem por eventos que parecem inconcebíveis de estarem ligados quando tentamos compreendê-los exclusivamente com as ferramentas da sociologia tal como a conhecemos, pois a história da produção intelectual que efetivamente produziu a sociologia como um projeto político, muitas vezes truncado, acarreta consequências graves até hoje para nossa capacidade de pensar criticamente sobre o capitalismo, o racismo, o Estado moderno e, sobretudo, como podemos de fato pensar profundamente como a mudança política pode ser efetuada.

A força de mudança em Gordon (2008; 2018) aparece constantemente sob a expressão “algo a ser feito” que a autora usa para propor que, só atravessando o fantasmático, uma mudança política radical ocorrerá, portanto, somente quando novas formas de subjetividade e sociedades puderem ser forjadas, pensando além dos limites do que já é compreensível. Reinventar-se ou reexistir sem reencenar o Mundo do Mesmo corresponde a tirar o utópico do tempo tal como o conhecemos, tirar o utópico do futuro sequencial e vê-lo agir no presente, senti-lo como presente, o presente de uma nova imaginação, de uma política radical, porque ele que carrega a força da mudança. Acreditamos com a autora que, sim, podemos ver os fantasmas não somente como negativos, mas também como os mensageiros para que as mudanças aconteçam. Por hora, a última invocação: "Quando um fantasma está assombrando uma história sobre a narrativa intelectual, o importante é não ter medo". (GORDON, 2008, p. 59, tradução própria).

THE SPECTRAL SOCIETY: PHANTASMAGORIES AND POLITICAL IMAGINATION IN THE SOCIOLOGY OF AVERY F. GORDON

Abstract

This article speculates on how to deal with the phantasmagories of modernity, based on Avery F. Gordon's sociological works on modes of governance, expanding the understanding of the spectral power of society in its dimensions of fetishism, utopia, and change/mobility in a bet on the political imagination. This is a bet for the elaboration of a sociology committed to the changes in its logistics of metaphysical and post-metaphysical reproducibility, directly responsible for the maintenance of the world as we know it, taking the imaginative character as a praxiology of awakening.

Keywords: Phantasmagoria. Society. Sociology. Imagination. Politics.

LA SOCIEDAD ESPECTRAL: FANTASMAGORÍAS E IMAGINACIÓN POLÍTICA EN LA SOCIOLOGÍA DE AVERY F. GORDON

Resumen

Este artículo especula sobre cómo tratar con los fantasmas de la modernidad a partir de los trabajos sociológicos de Avery F. Gordon sobre los modos de gobierno, ampliando la comprensión del poder espectral de la sociedad en sus dimensiones de fetichismo, utopía y cambio/movilidad en una apuesta por la imaginación política. Es una apuesta por la elaboración de una sociología comprometida con los cambios en su logística de reproducibilidad metafísica y post-metafísica, responsable directamente del mantenimiento del mundo tal como lo conocemos, tomando el carácter imaginativo como una praxiología del despertar.

Palabras clave: Fantasmagoría. La sociedad. Sociología. Imaginación. La política.

ⁱ “O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como o Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subjetividade. É bem conhecido que Foucault localiza a violência epistêmica – uma completa revisão da episteme – na redefinição de sanidade no final do século 18 europeu. Mas, e se essa redefinição específica tiver sido apenas uma parte da narrativa da história na Europa? E se os dois projetos de revisão epistêmica funcionam como partes deslocadas e desconhecidas de uma vasta máquina operada por duas mãos? Talvez não seja demais pedir que o subtexto da narrativa palimpséstica do imperialismo seja reconhecido como um ‘conhecimento subjugado’” (SPIVAK, 2010, p.60-61).

ⁱⁱ Gordon fala por meio de muitas passagens que são propositalmente repetidas em seu livro *Ghostly Matters*, uma repetição como maneira de acentuar o fantasmagórico de nossas construções epistêmicas, a respeito do fato de que o conhecimento subjugado em seu poder espectral aparece, por um lado, como aquilo que o conhecimento oficial reprime dentro de seus próprios termos, instituições e arquivos e, por outro lado, como ele também se refere a conhecimento que ultrapassando esses termos escapa de ser realmente conhecido pelas aparelhagens daquilo que o subjuga.

ⁱⁱⁱ Trata-se de “todos os regimes, as leis, as instituições e as forças que instauram um mundo em particular como sendo o Mundo do Mesmo ou, simplesmente, o Mundo para todas as existências do planeta” (GADELHA, 2018, p. 172).

Referências

BARAD, K. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. **Vazantes**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 07 – 34, nov. 2017.

BAUMAN, Z. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. 1º Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. **Modernidade líquida**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Modernidade e ambivalência**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, W. **Passagens**. 1º Edição. Belo Horizonte; São Paulo: UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. **Obras Escolhidas II**. 3º Edição. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 1º Edição. São Paulo: Papyrus, 1996.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 1º Edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. 1º Edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **Espectros de Marx**: o estado da dívida, o trabalho do luto e nova Internacional. 1º Edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

FERREIRA DA SILVA, D. **A dívida impagável**. 1º Edição. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 9º Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GADELHA, J. J. Cosmo-sensoriologia: Rotas Para Uma Metodologia Fugitiva Em Artes. **Revista Vazantes**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2018, p. 170-189.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. 1º Edição. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **As consequências da modernidade**. 1º Edição. São Paulo: UNESP, 1991.

GORDON, A. F. **The Hawthorn Archive**: Letters From The Utopian Margins. 1º Edition. New York: Fordham University Press, 2018.

_____. Some Thoughts on Haunting and Futurity. **Bordelands**, California, v. 10, n. 2, 2011, p. 1-21

_____. *Ghostly Matters*: Haunting and The Sociological Imagination. 1º Edition. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9º Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LATOUR, B. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. 1ª Edição. São Paulo: EDUSC, 2004.

_____. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 1994.

MARX, K. **O Capital**. Volume 1. S/Edição exata. São Paulo: Nova Cultura, 1996 [1867].

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. 1ª Edição. São Paulo: N-1, 2018.

_____. **Políticas da inimizade**. 1ª Edição. Lisboa: Antígona, 2017.

MOTEN, F.; HARNEY, S. **The undercommons**: fugitive planning and black study. 1ª Edição. Wivenhoe, UK/New York: Minor Compositions, 2013.

RADWAY, J. Foreword. In: GORDON, A. F. **Ghostly Matters**: Haunting and The Sociological Imagination. 1ª Edição. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

SENNETT, R. **O artífice**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **Declínio do homem público**. 1ª Edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** 1ª Edição. Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.

Sobre o autor:

Juliano Gadelha é escritor, diretor de arte e professor multidisciplinar. Mestre em Artes pelo Instituto de Cultura e Artes da Universidade Federal do Ceará (ICA - UFC), Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS - UFC) e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma universidade. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5507-2376>. ID Lattes: 8121588606751352.99 Contato: jjulianogadelha@outlook.com.

Recebido em: 06.12.2020

Aceito em: 04.10.2022